

Prevenção das intoxicações por agrotóxico no Submédio do Vale do São Francisco junto a trabalhadores rurais

Jenifen Miranda Vilas Boas¹
Cheila Nataly Galindo Bedor²

¹ Especialista em Gestão em Saúde Pública pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Saúde da Família com ênfase em linhas de cuidado pela Escola de Saúde Pública da Bahia (ESSP). Enfermeira Coordenadora da vigilância epidemiológica do município de Mirangaba-BA. Coordenadora de Estratégia em saúde da família em Umburanas -BA. jenifer.vilasboas@gmail.com

RESUMO

A utilização de agrotóxicos é uma realidade local na fruticultura irrigada de Petrolina-PE. Em vista disto, a população, principalmente a rural, está exposta a esses produtos, o que a coloca em constante situação de risco para saúde. Desse modo, para prevenção de acidentes com esses compostos, são necessárias varias medidas, entre elas informação. O objetivo desse trabalho foi realizar oficinas, abordando a temática dos agrotóxicos, em escolas públicas no Perímetro de Irrigação, no intuito de alertar sobre a gravidade do uso de tais substâncias e orientar os trabalhadores rurais quanto às medidas de prevenção. Sendo assim, foram realizadas 21 oficinas em 7 escolas, atingindo um público de 790 alunos no período de agosto de 2007 a julho de 2008. As oficinas abordaram temas como: história, conceito e tipos de agrotóxicos; ciclo de contaminação ambiental e vias de contaminação humana; sinais e sintomas associados ao uso desses compostos; equipamentos de proteção individual, destinação das embalagens vazias, tríplice lavagem e lavagem da vestimenta contaminada. A avaliação das ações foi realizada através da aplicação de perguntas, pré e pós-oficinas. Os resultados mostraram uma maior compreensão por parte do público alvo da maioria dos temas abordados, o que fortalece a prevenção de intoxicação por agrotóxicos nessa região.

Palavras-chave: Agrotóxicos; Intoxicação; Saúde da população rural; Promoção da saúde.

Prevention of pesticide poisoning for rural workers in the Submédio do Vale do São Francisco

ABSTRACT

The use of pesticides is a local reality in irrigated horticulture in Petrolina-PE. Due to that, particularly the rural population is exposed to these products at health risk. To the prevention of accidents involving these compounds, various measures are needed, including information. The purpose of this study was to conduct workshops, realized in public schools in the Irrigation Perimeter, in order to alert the gravity of using pesticides and guide rural workers on the measures of prevention of intoxication by these substances. Thus, 21 workshops were carried out in 7 schools, reaching a public of 790 students, from August 2007 to July 2008. The workshops discussed issues such as: history, concept and types of pesticides; cycle of environmental contamination, human contamination; signs and symptoms associated with intoxication; Personal Protective Equipment (PPE) and the washing and disposal of empty containers. The evaluations of actions were carried out through the application of questions, before and after the workshops. The results showed a greater understanding by the target public in the majority of the themes which emphasizes the prevention of pesticide poisoning in this region.

Keywords: Pesticides; Poisoning; Rural health; Health promotion.

² Doutora em Saúde Pública pelo Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães – FIOCRUZ. Professora Adjunta da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). cheila.bedor@univasf.edu.br

INTRODUÇÃO

Durante o passar dos anos profundas transformações foram observadas no trabalho rural brasileiro, tanto pela incorporação de novas tecnologias e processos produtivos, quanto pela crescente subordinação do homem do campo à economia de mercado. Este processo determinou uma série de agravos à saúde e à qualidade de vida do trabalhador rural (ALESSI; NAVARRO, 1997).

O processo de modernização tecnológica iniciado nos anos 1950 com a chamada “Revolução Verde” modificou profundamente as práticas agrícolas, gerou mudanças ambientais e nas cargas de trabalho, assim como seus efeitos sobre a saúde, deixando os trabalhadores rurais expostos a diversos riscos. A modernização do trabalho rural foi acompanhada por um incremento da pesquisa agrônômica, sociológica, econômica e tecnológica no Brasil e em várias partes do mundo (GOODMAN et al., 1990; SOUZA FILHO, 1994).

O Plano Nacional de Desenvolvimento, implementado em 1975, proporcionou ao Brasil o comércio de produtos agrotóxicos no momento em que instituiu na solicitação de financiamento rural, uma cota definida e obrigatória de aquisição desses produtos. O *marketing* proposto pelos fabricantes, aliado à obrigatoriedade da compra, determinou um enorme incremento dessas substâncias à agricultura brasileira propiciando a sua disseminação no país. Atualmente o Brasil é considerado o principal consumidor mundial de agrotóxicos; esta classificação repercute em diversos problemas de saúde na população, especialmente as do meio rural (DOMINGUES, 2010).

Conforme a lei brasileira (Lei nº 7.802, de 11/07/1989), os agrotóxicos são classificados como produtos e componentes de processos físicos, químicos ou biológicos destinados ao uso nos setores de produção, armazenamento e beneficiamento de produtos agrícolas.

Estima-se que milhões de agricultores são intoxicados anualmente no mundo e mais de 20 mil morrem em consequência da exposição a agrotóxicos, a maioria em países em desenvolvimento. Segundo o Ministério da Saúde, no Brasil, anualmente, existem mais de 500 mil pessoas contaminadas por agrotóxicos, com cerca de 4 mil mortes por ano (PIRES; CALDAS; RECENA, 2005).

Não obstante as intoxicações de trabalhadores através do contato direto ou indireto com esses produtos, este agravo deve ser considerado ainda quando da contaminação dos alimentos, já que é sabido ofertarem riscos aos consumidores. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), através da criação, no ano 2001, do Programa de Análise de Resíduos de Agrotóxicos em Alimentos (PARA), monitorou a presença de resíduos de agrotóxicos nos principais alimentos consumidos pelos brasileiros. O resultado mostrou que das 3.130 amostras analisadas, 29,0% foram consideradas insatisfatórias. As principais irregularidades encontradas nas amostras foram: presença de agrotóxicos em níveis acima do Limite Máximo de Resíduos, utilização de agrotóxicos não autorizados para a cultura. Somente 3,0% das amostras não tiveram qualquer rastreabilidade de problemas no uso destes produtos (AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA, 2009).

Em Faria et al. (2007) a estimativa é de pelo menos 7 milhões/ano de doenças agudas e crônicas não fatais, devido aos agrotóxicos. Entre os grupos profissionais que têm contato relevante com os agrotóxicos, destacam-se os trabalhadores da agroindústria, visto que manipulam, diluem, preparam as “caldas”, aplicam os agrotóxicos e entram nas lavouras após a aplicação.

Outro grupo sob risco é o dos pilotos agrícolas e seus auxiliares (BRASIL, 1996). Merecem destaque também as famílias dos agricultores que, além de transitarem ou residirem próximo ao local onde os agrotóxicos são aplicados, levam as roupas contaminadas do campo às residências para sua lavagem (BRITO et al., 2005).

Na agricultura, a ausência de informação acerca dessa problemática repercute na exposição não somente do trabalhador, como também de toda população consumidora dos alimentos que receberam o produto. O fator agravante desta questão é o analfabetismo da maioria dos agricultores, que dificulta e até mesmo impede a leitura e interpretação das informações dispostas nos rótulos dos produtos. Complementando este quadro segue a visão capitalista identificada na maioria dos vendedores que, para melhorar suas comissões, insistem nas aplicações excessivas, indicando agrotóxicos para culturas as quais estes produtos não estão licenciados (ALMEIDA et al., 1985; BEDOR et al., 2007).

Como afirmam Bedor et al. (2007), é significativa a quantidade (mais de 40%) de agrotóxicos de alta periculosidade e altamente tóxicos usados no Submédio do Vale do São Francisco, especificamente no Projeto de Irrigação Senador Nilo Coelho, uma das principais áreas da fruticultura irrigada dessa região, onde é descrito que numa amostra de 283 trabalhadores rurais, 7% desses, já apresentaram intoxicação por agrotóxico (BEDOR, 2008). Vale ressaltar que, no Brasil, para cada caso de intoxicação por agrotóxicos constatado em hospitais e ambulatórios, deve haver cerca de 250 vítimas não registradas (ARAÚJO; NOGUEIRA; AUGUSTO, 2000).

A introdução de políticas públicas, principalmente entre a população rural, voltadas para a educação e capacitação dos agricultores quanto ao manejo de agrotóxicos é imprescindível para a prevenção dos danos oriundos da utilização desses compostos químicos. A fiscalização por parte dos órgãos responsáveis quanto à comercialização e utilização dessas substâncias também é fator primordial para redução dos casos de intoxicação, refletindo assim na tentativa de minimizar um problema tanto de questões agropecuárias, quanto de saúde pública.

Assim, o projeto de extensão aqui relatado foi intitulado: “Intoxicação por agrotóxico no Submédio do Vale do São Francisco: Prevenção junto a profissionais de saúde e trabalhadores rurais”, aprovado no edital interno do Programa Institucional de Bolsas de Integração (PIBIN) da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Vale do São Francisco. O projeto foi executado de agosto de 2007 a julho de 2008 e teve como objetivo principal sensibilizar profissionais de saúde e trabalhadores rurais sobre intoxicação por uso de agrotóxico.

Nesse artigo relatamos as ações realizadas nas comunidades rurais do Projeto de Irrigação Nilo Coelho, localizado na margem esquerda do Rio São Francisco, e que se estende desde a Barragem de Sobradinho, no município de Casa Nova, BA, até o município de Petrolina, PE. Esse distrito é dividido em 11 núcleos, possuindo cerca de

1.457 lotes para área de colonização, que respondem por 60% da área irrigável, e 132 lotes para a área empresarial (SOUZA et al., 2001).

DESENVOLVIMENTO

Considerando que o público alvo do projeto foram agricultores e seus familiares, o seu desenvolvimento se deu em ambiente rural. O trabalho abarcou moradores das comunidades dos núcleos: C-02; C-03; N-04; N-05; N-06; N-07 e N-08, localizadas no Projeto de Irrigação Senador Nilo Coelho na cidade de Petrolina-PE.

Para melhor sistematização da metodologia a ser empregada, o grupo acadêmico concluiu que o meio para atingir um número considerável de pessoas seria a realização do trabalho em parceria com as escolas dessas comunidades. A escolha justifica-se no fato dessas estarem localizadas na zona rural, e também que, segundo representantes administrativos das escolas, todos os estudantes exercem atividades direta ou indiretamente relacionadas com agricultura, e quando não, têm algum membro na família que o faz.

DEFINIÇÕES DOS TEMAS A SEREM TRABALHADOS NAS OFICINAS NAS COMUNIDADES

O conhecimento acerca da temática dos agrotóxicos constituiu o ponto fundamental para a realização das atividades. Tendo em vista que se trata de um assunto bastante complexo e considerando que existem ainda muitas incógnitas sobre o real efeito desses produtos, tornou-se imprescindível a realização, por parte dos acadêmicos e docentes envolvidos no projeto, de uma pesquisa em banco de dados científicos que embasassem as discussões teóricas enquadradas nos objetivos do trabalho, ao passo que se buscavam referenciais que refletissem a situação da problemática na região. A busca de dados pertinentes ao tema a ser abordado, precedente à realização das oficinas, proporcionou círculos de discussões e formação de opiniões visando o aperfeiçoamento do trabalho a ser desenvolvido.

A revisão literária teve como bases de dados os sites: *Bireme*, *SciELO* e do Ministério da Saúde; na busca de artigos científicos que abordassem a temática. Os descritores catalogavam textos que abordassem a implicação da utilização de produtos agrotóxicos para o meio ambiente, a saúde humana e ainda questões legislativas, de vigilância sanitária, dentre outros.

A definição dos temas a serem trabalhados foi baseada nas necessidades dos agricultores da região, apontadas nos resultados da pesquisa realizada por Ramos et al. (2006), a qual mostrou que a maioria dos trabalhadores encontra-se despreparada para o manuseio de agrotóxicos devido: à baixa escolaridade, o que dificulta a leitura dos rótulos das embalagens; à falta de apoio técnico necessário; à utilização de métodos caseiros de prevenção que favorecem a assimilação do veneno pelo organismo; ao desconhecimento dos males que essas substâncias podem causar ao corpo e à utilização dos equipamentos de proteção individual (EPI) de forma incorreta e o desconhecimento de seu benefício na redução do risco de intoxicação.

O quadro 1 mostra as temáticas que foram trabalhadas de forma criativa, acessível e que possibilitaram a participação dos sujeitos. Foram realizadas dinâmicas de grupo, apresentação de *slides* contendo imagens, apresentação de filmes, psicodrama e rodas de debates. Além das informações acerca dos agrotóxicos, dados da atualidade mundial também foram inseridos nas oficinas.

<i>Ordem de apresentação</i>	<i>Subtemas</i>
Oficina 1	História dos agrotóxicos Conceito e tipos de agrotóxicos
Oficina 2	Ciclo de contaminação ambiental Vias de contaminação humana Sinais e sintomas associados ao uso dos agrotóxicos
Oficina 3	Equipamentos de proteção individual (EPI) Destinação das embalagens de agrotóxicos Triplíce lavagem e lavagem da roupa contaminada

Quadro 1 – Temas abordados nas oficinas com os estudantes do Projeto de Irrigação Senador Nilo Coelho.

PROCEDIMENTOS DE SELEÇÃO DAS ESCOLAS ALVOS

A seleção das escolas a serem trabalhadas se deu após uma visita à Secretaria Municipal de Educação de Petrolina, onde foi disponibilizada, para o projeto, uma listagem de todas as escolas da região referida, contendo informações como: endereço, número de alunos e grau de ensino. Esta lista possibilitou a delimitação das escolas a serem visitadas para apresentação dos objetivos e metodologia do projeto a ser desenvolvido.

As visitas às escolas foram pré-agendadas e aquelas que tinham nível médio no horário noturno foram incluídas no Projeto. Foram realizadas cerca de três oficinas em cada escola dos Núcleos C-02; C-03; N-04; N-05; N-06; N-07 e N-08, do Distrito Nilo Coelho.

AS OFICINAS

A metodologia utilizada para o desenvolvimento das oficinas sofreu variação de acordo com a escola e com os materiais disponíveis, no entanto as mesmas seguiram o padrão de abordagem dos subtemas, pré-determinados. Algumas atividades com a utilização de dinâmicas de grupo, filmes, slides, imagens e rodas de debates foram utilizadas em momentos diferentes das oficinas, conforme a necessidade de cada escola.

OFICINA 1: História dos agrotóxicos / Conceito e tipos de agrotóxicos: Essa oficina teve como objetivo abordar a história dos agrotóxicos, ciclo de contaminação, intoxicações por agrotóxicos e sinais e sintomas associados ao uso dos agrotóxicos. Também foi realizada no início da oficina a apresentação do projeto assim como dinâmicas de quebra-gelo para maior interação com os Estudantes.

OFICINA 2: Ciclo de contaminação ambiental / Vias de contaminação humana / Sinais e sintomas associados ao uso dos agrotóxicos: Na abordagem destes temas nas oficinas, buscou-se mostrar as vias de contaminação humana e sua inter-relação com os sinais e sintomas, além da realização dos cuidados para proteção destas vias. Este tema foi apresentado através de *slides* com figuras representativas, as quais traziam todas as vias e o meio de contato do produto com os organismos vivos. Apresentou-se também o ciclo de contaminação do ambiente, ilustrando desde a aplicação até a contaminação do ar, da água, do solo e dos organismos vivos como animais e homens.

OFICINA 3: Equipamentos de proteção individual (EPI) / Destinação das embalagens de agrotóxicos / Tríplice lavagem e lavagem da roupa contaminada: Na discussão sobre a utilização correta do EPI, buscou-se mostrar as vias de contaminação humana e sua inter-relação com os sinais e sintomas, além da realização dos cuidados específicos que devem ser tomados para garantia de proteção destas vias. Para tanto, foram apresentados slides contendo figuras representativas ilustrando todas as vias e os possíveis meios de contato do produto com o indivíduo.

Essa última oficina ainda abordou os seguintes tópicos: devolução das embalagens vazias; tríplice lavagem; prazos máximos de devolução e as competências de cada nível envolvido na produção, comercialização e utilização dos produtos agrotóxicos. No intuito de uma abordagem mais dinâmica e didática, o psicodrama foi o método mais viável para o desenvolvimento destes subtemas.

Para tanto, contou-se com a participação efetiva dos envolvidos através de uma simulação dos processos envolvidos na tríplice lavagem e a apresentação de dois filmes que expuseram passo a passo os processos de tríplice lavagem manual e por pressão. Também nessa oficina buscou-se mostrar aos participantes a importância da leitura e interpretação das informações contidas nos rótulos e bulas dos agrotóxicos.

AVALIAÇÃO DAS AÇÕES REALIZADAS

Sendo imprescindível a avaliação do nível de informação por parte dos sujeitos acerca da problemática dos agrotóxicos, foi aplicado ao público-alvo um formulário precedente à introdução das oficinas, composto por questões abertas e fechadas que abordavam a temática a ser discutida.

Este método de coleta de dados possibilitou a análise do nível de absorção das informações fornecidas durante a realização das oficinas, visto que para fim comparativo foi posteriormente reaplicado ao final da última oficina.

RESULTADOS

Foram contabilizados ao final das oficinas cerca de 790 trabalhadores rurais e/ou pessoas indiretamente envolvidas com agricultura. Os resultados apresentados na análise dos formulários pré e pós oficinas refletem que a maioria dos temas abordados foi bem absorvido pelo público-alvo, como é mostrado a seguir.

Também é válido destacar que houve dificuldades com a adesão de algumas escolas principalmente de duas, em particular, por esse motivo a pretensão da realização de três oficinas, em três momentos distintos em cada escola, foi prejudicada. Portanto em algumas ocasiões unimos subtemas para que nenhuma das escolas ficasse sem ter visto nenhum dos assuntos abordados. Em uma das escolas, por exemplo, foi realizada apenas uma oficina, abordando todos os temas, por motivos de recusa da direção da escola em realizarmos as atividades.

EVOLUÇÃO DO APRENDIZADO DOS SUJEITOS ANTES E APÓS AS OFICINAS MINISTRADAS

Reconhecer a sintomatologia apresentada em um caso de intoxicação por agrotóxico é de extrema importância para qualquer indivíduo que esteja exposto a estas substâncias, visto que a identificação precoce e a atribuição donexo causal possibilitam e dão segurança na busca dos serviços de saúde para diagnóstico imediato e tratamento adequado. A instrução dos agricultores acerca dos sinais e sintomas ameniza os riscos de complicações apresentados na forma de doenças crônicas devido ao diagnóstico tardio e tratamento inadequado.

A avaliação do reconhecimento dos sinais e sintomas de intoxicação por parte dos sujeitos reflete que, ao término do trabalho, 88% identificavam corretamente e citavam pelo menos três destes sintomas.

No aspecto de proteção à saúde do trabalhador, para Machado e Gomez (1995 apud GOMEZ; COSTA, 1997), na prática, as medidas que deveriam assegurá-la em seu sentido mais amplo restringem-se a intervenções apenas sobre os riscos mais evidentes, normatizados pela distribuição de Equipamentos de Proteção Individual (EPI) ao invés da adoção de medidas que garantam a proteção coletiva.

Sem entrar na discussão da eficácia dos EPIs, os mesmos, em algumas situações, são utilizados com a finalidade de proteção contra as intoxicações. Porém de acordo com um estudo realizado por Veiga et al. (2007), para analisar a eficiência e adequação dos EPIs utilizados na manipulação e na aplicação de agrotóxicos nas agriculturas brasileira e francesa, na cultura de tomate e em uma vitivinícola, respectivamente, os resultados encontrados evidenciaram que a utilização de EPI, em ambos os casos, além de não protegerem integralmente o trabalhador contra o agrotóxico, ainda agravaram os riscos e perigos, pois se tornaram fontes de contaminação. Portanto, o grupo, ao trabalhar este tema procurou mostrar tanto a importância do uso do EPI quanto também suas limitações.

Realizadas as oficinas, um total de 58% dos participantes reconheceram que uso do EPI não evita intoxicações por agrotóxicos. Os 42% restantes entendem que os EPIs, quando utilizados corretamente, protegem contra as intoxicações. Para Veiga et al. (2007), as medidas de prevenção devem ser aquelas que eliminam ou reduzem os riscos e perigos, atuando diretamente na sua fonte. Prevenir deve vir antes de proteger contra os riscos e perigos de intoxicação. O autor ainda afirma: “na maioria das situações, ‘proteger’ parece ser mais ‘econômico’ do que prevenir”.

Quanto à realização de práticas preventivas às intoxicações, o uso do leite foi um dos principais tópicos abordados, já que segundo Ramos e colaboradores (2006), esta bebida é bastante utilizada na região como meio de proteção contra as intoxicações e ainda para minimização dos efeitos quando por alguma circunstância o indivíduo foi contaminado. Bedor (2008) afirma que o leite tem propriedades lipossolúveis, o que pode acelerar o processo de intoxicações por agrotóxicos.

Na população-alvo desse estudo, é relevante o percentual (40%), de pessoas que acreditam no poder protetor do leite nas intoxicações. Em vista deste elevado número, as oficinas apresentaram estudos científicos que comprovassem a real atuação do leite em um organismo exposto e intoxicado por agrotóxicos. Assim, buscou-se embasar as informações repassadas a fim de combater essa prática cultural tão vigente no cotidiano dos agricultores. Como resultado dessa conduta obteve-se um percentual satisfatório (80%) de participantes com resposta correta em relação a não utilização do leite nos casos de intoxicações, quando avaliado o questionário pós-teste.

Para o descarte das embalagens vazias dos agrotóxicos, é sabido que estas devem ser devolvidas às lojas onde foram compradas, no prazo de até um ano contando da data de sua compra. Tal procedimento é complexo e requer participação efetiva tanto dos fabricantes, quanto dos vendedores e consumidores. Na compilação dos dados do formulário aplicado anteriormente ao desenvolvimento das oficinas, observou-se que apenas 20% dos avaliados compreendiam a destinação correta das embalagens, ao passo que a maioria destes referia o descarte por enterro ou incineração. Isso reflete que esta é uma prática frequentemente realizada na região.

A interpretação dessas informações direcionou o foco da abordagem deste tema, fazendo com que o grupo frisasse a importância da devolução, assim como os riscos que os agricultores e seus familiares sofrem quando da realização de práticas inadequadas de descarte, correlacionando ainda com os danos causados ao meio ambiente. Os resultados obtidos com essa oficina foram favoráveis, visto que, ao final do trabalho, 88% dos participantes referiram corretamente a destinação das embalagens vazias.

A tríplice lavagem das embalagens vazias é obrigatória e regulamentada pela lei dos agrotóxicos. A falta de fiscalização contínua por parte dos órgãos responsáveis, aliada à displicência dos agricultores são fatores que justificam a realização de atividades de conscientização e capacitação dos trabalhadores quanto aos procedimentos corretos e necessários para desprezar as embalagens vazias. Antes das oficinas, 5,66% dos participantes compreendiam a tríplice lavagem. Depois das oficinas o percentual aumentou para 88%. A compreensão desse tema é fundamental, tanto para a redução dos riscos da população, quanto para o meio ambiente.

Os hábitos rotineiros desenvolvidos pelos trabalhadores para o preparo das caldas a serem aplicadas revelam que realização da leitura dos rótulos das embalagens por parte destes é atividade não realizada com a frequência devida. A diferenciação dos produtos, por reconhecimento das embalagens, na realização da mistura foi o método exposto pela maioria deles. Segundo relatos, a alta frequência do uso dos produtos torna-se uma ação mecânica na área de plantio fazendo com que a rotina dispense a leitura dos rótulos.

A leitura das embalagens pode fornecer informações sobre as precauções que devem ser tomadas em relação ao uso e também na ocorrência de intoxicação. Obteve-se como resultado que 88% dos participantes passaram a realizar leitura das bulas.

Em relação à utilização de agrotóxicos prevalece a visão de que existe uma necessidade real e economicamente dependente da utilização destes produtos mesmo reconhecendo os perigos e danos causados por estas substâncias.

Sobre a utilização dos produtos agrotóxicos, 26% dos participantes concordam que estes devem ser banidos e jamais utilizados. Em contrapartida, 68% afirmam que devem ser aplicados com moderação, apesar de conscientes quanto aos males causados a saúde e ao meio ambiente. Esta questão necessita ser constantemente trabalhada, uma vez que o modelo capitalista brasileiro e a dependência socioeconômica historicamente foram fomentados pelo uso de agroquímicos, o que interfere na avaliação mais precisa desta problemática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do contexto do consumo exacerbado de produtos agrotóxicos identificado no loco regional do Submédio do Vale do São Francisco, foi perceptível a necessidade da realização de uma educação permanente e continuada com a comunidade rural alertando-a sobre os males causados por esses produtos.

Os dados epidemiológicos já existentes aliados ao número significativo de subnotificações devem servir como alerta para implementação e desenvolvimento de políticas públicas voltadas a essa temática. A proteção e a prevenção da saúde, assim como a garantia ao tratamento e a recuperação dos indivíduos expostos e em riscos de intoxicação é dever do Estado, devendo estar presente em todos os níveis de atenção à saúde (primário, secundário e terciário), assim como nos níveis de gestão municipal, estadual e federal.

Em vista disso, o Projeto teve como objetivo a conscientização dos males que o uso de agrotóxicos traz principalmente à População Rural. O público atingido foi de 790 pessoas, entre as quais produtores rurais e outras indiretamente envolvidas com agricultura. Foi visível que a maior parte destas pessoas demonstrou ter absorvido as informações fornecidas nas oficinas. O entusiasmo, a curiosidade e a participação dos sujeitos foram intensos durante o trabalho realizado. Vale destacar ainda a participação dos docentes das escolas, que engajados nesta luta, se comprometeram a prosseguir com educação continuada para esses alunos, realizando trabalhos de pesquisa do tema como método de indicador para avaliação do desempenho estudantil.

A realização das oficinas proporcionou um aumento dos conhecimentos acerca desta temática, tanto para os acadêmicos pesquisadores, quanto para a população trabalhada. Com o contato prolongado com estas pessoas percebeu-se que não só os fatores educacionais interferem nesta questão, a problemática se estende ainda para fatores socioculturais e, principalmente, de dependência econômica.

A falta de meios alternativos à produção implica a utilização irracional de produtos agrotóxicos. A exposição e intoxicações por essas substâncias devem ser consideradas um desafio a ser enfrentado na região, pois são reais e cada vez mais incidentes. Cabe aos órgãos competentes interferirem diretamente nesta problemática, visto que pouco se enfatiza a questão dos meios de informação.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA (ANVISA). Programa de Análise de Resíduos de Agrotóxicos em Alimentos (PARA). **Relatório de 2009**. Brasília: ANVISA, 2009.

ALESSI, N. P.; NAVARRO, V. Saúde e trabalho rural: o caso dos trabalhadores da cultura canavieira na região de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 13, supl. 2, p. 111-121, jun. 1997.

ALMEIDA, W. et al. Agrotóxicos. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, abr./jun. 1985.

ARAÚJO, A. C. P.; NOGUEIRA, D. P.; AUGUSTO, L. G. S. Pesticide impact on health: a study of tomato cultivation. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 34, n. 3, p. 309-313, jun. 2000.

BEDOR, C. N. G. et al. Avaliação e reflexão da comercialização e utilização de agrotóxicos na região do Submédio do Vale do São Francisco. **Revista Baiana de Saúde Pública**, Salvador, v. 31, p. 68-76, jan./jun. 2007.

BEDOR, C. N. G. **Estudo do potencial carcinogênico dos agrotóxicos empregados na fruticultura e sua implicação para a vigilância da saúde**. 2008. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2008.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Informações médicas de urgência nas intoxicações por agrotóxicos**. Brasília: ANVISA, 1996.

BRITO, P. F. et al. Agricultura familiar e exposição aos agrotóxicos: uma breve reflexão. **Cadernos de saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 887-900, 2005.

DOMINGUES, B. Saúde. Proteção para quem? **RADIS Comunicação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 95, p. 11-15, jul. 2010. Disponível em: <http://www4.ensp.fiocruz.br/radis/95/pdf/radis_95.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2010.

FARIA, N. M. X.; FASSA, A. C. G.; FACCHINI, L. A. Intoxicação por agrotóxicos no Brasil: os sistemas oficiais de informação e desafios para realização de estudos epidemiológicos. **Ciências e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, jan./mar. 2007.

GOMEZ C. M.; COSTA, S. M. F. T. A construção do campo da saúde do trabalhador: percurso e dilemas. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 13, supl. 2, p. 21-32, 1997.

GOODMAN, D.; SORJ, B.; WILKINSON, J. **Das lavouras às biotecnologias**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1990.

EAN, B. A forma social da agricultura familiar contemporânea: sobrevivência ou criação da economia moderna. **Cadernos de Sociologia** (PPGS/UFRGS), Porto Alegre, v. 6, p. 51-75, 1994.

PIRES, D. X.; CALDAS, E. D.; RECENA, M. C. P. Uso de agrotóxicos e suicídios no Estado do Mato Grosso do Sul. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, vol. 21, n. 2, p. 598-604, mar./abr. 2005.

RAMOS, L. O. et al. Queixas sintomáticas associadas ao uso de agrotóxicos em trabalhadores rurais da hortifruticultura no Vale do São Francisco. **Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança**, João Pessoa, v. 4, p. 145-157, 2006.

SOUZA FILHO, F. R. As transformações no espaço agrário sul-rio-grandense pós 60. **Cadernos de Sociologia** (PPGS/UFRGS), Porto Alegre, p. 74-95, 1994.

SOUZA, G. H. F. et al. Desempenho do Distrito de Irrigação Senador Nilo Coelho. **Revista Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental**, Campina Grande, v. 5, p. 204-209, 2001.

VEIGA, M. M. et al. Contaminação por agrotóxicos e os Equipamentos de Proteção Individual (EPIs). **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 32, n. 116, p. 57-68, 2007.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

BOAS, Jenifen Miranda Vilas; BEDOR, Cheila Nataly Galindo. Prevenção das intoxicações por agrotóxico no Submédio do Vale do São Francisco junto a trabalhadores rurais. **Extramuros**, Petrolina-PE, v. 1, n. 1, p. 70-80, jan./jul. 2013. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 17 mar. 2013.

Aceito em: 10 jun. 2013.